



## O DELÍRO DOS CÓDIGOS: UMA LEITURA DO LIVRO “ABRINDO CAMINHO”, DE ANA MARIA MACHADO

Rodrigo da Costa Araújo (UFF/FAFIMA)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa estuda a relação entre criação e interpretação de imagens direcionada ao livro *Abrindo Caminho* (2002), de Ana Maria Machado. O foco serão as relações entre o que o texto faz ver e o que a imagem dá a entender como nexos privilegiados para delinear a arquitetura do regime representativo e do discurso intertextual. O texto, nesse sentido, não explica mais o que a imagem diz, e a imagem, por sua vez, não ilustra o que a palavra oculta. Tal hipótese foge dos moldes tradicionais de comparação entre imagem e texto, que se concentram nas semelhanças e simetrias. Acompanha-se interpretativamente o gesto/redemoinho intertextual que, como operação de escrita, promove a incorporação da visualidade e produz efeitos híbridos, processando, concomitantemente, a recapitulação parcial e condensada desses discursos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Abrindo Caminho* - ilustração - livro infantil - Ana Maria Machado

**ABSTRACT:** This research studies the relationship between creation and interpretation of images directed to the *Green Pioneering* (2002), by Ana Maria Machado. The focus is the relationship between what the text is to see and what the image suggests how privileged link to delineate the architecture of representative government and intertextual discourse. The text, accordingly, does not explain more what the image says, and the image, in turn, does not illustrate what the hidden word. This hypothesis avoids the traditional way of comparison between image and text, which focus on similarities and symmetries. Attached to interpret the gesture / whirlpool intertextual, as write operation, promotes the incorporation of visual effect and hybrid processing, concomitantly, the partial and condensed summary of the discussions.

**KEYWORDS:** Opening way - illustration - children's book - Ana Maria Machado

“O lugar do descaminho ignora a linha reta, nunca se vai de um ponto a outro ponto; não se parte daqui para chegar ali; nenhum ponto de partida e nenhum começo para a caminha. Antes de se ter começado, já se está a recomençar; antes de se ter terminado, repisa-se; esta espécie de absurdo que consiste em regressar sem nunca ter partido [...]”

(BLANCHOT, 1984, p.104).

Como na epígrafe de Maurice Blanchot, posta acima, esta é a sensação encantadora que temos ao ler o livro *Abrindo Caminho* (2004), de Ana Maria Machado. Uma sensação de incompletude, de caminhos diferentes que se bifurcam, um verdadeiro delírio dos códigos. Além da escritura, a visualidade incorporada à textualidade encanta o leitor de qualquer idade.

O que chama a atenção, antes mesmo de abrir o livro, são o tamanho e a cor vermelha da capa, a delicadeza da ilustração. Inclinações semiológicas para uma prática do ver, sentir, perceber, envolver-se, apaixonar-se. Objeto semiótico destinado, por conseguinte, a fornecer “os utensílios que permitam ao olhar descobrir o sentido que as coisas apresentam e que o hábito oculta” (RODRIGUES, 2000, p.132). Sugestões e exercícios retóricos para centrar-se no leitor, no olho que procura pistas, marcas de reconhecimento, prazer de conhecer e ver.

Nesse ponto, a narrativa de Ana Maria Machado parece dialogar com o processo escritural barthesiano que entende o texto como “lugar onde o sujeito se produz com risco, onde o sujeito é posto em processo e, com ele, toda a sociedade, sua lógica, sua moral, sua economia” (PERRONE-MOISÉS, 1993, p.49). O texto, desde da capa, como tela vermelha, teatraliza o lugar da escritura, um lugar, onde “o sujeito se arrisca numa situação de crítica radical, e não o produto acabado de uma sujeito pleno” (PERRONE-MOÍSES, 1993, p.49).

Nesta ascense do olhar que a leitura semiótica tende a instaurar, o grande desafio das descobertas - tema central do livro - estaria em não ignorar o transitório, os diversos caminhos que se bifurcam, os encontros e desencontros. Em diversos caminhos, sempre povoados de formas, surgem nesse redemoinho narrativo, tantas linguagens em mil facetas inevitavelmente cambiantes no mundo contemporâneo. O visual impõe-se como reflexão, imaginação e fantasia - certo convite ao improvisado ou para um passeio em “caminhos”. Num certo sentido e relance inicial surgem alguns questionamentos, antes mesmo de folhear o livro: Como ler desvendando o invisível nas imagens e ultrapassando o evidente nas palavras? Como achar um caminho, fora das falsas evidências do discurso?

## **DO TÍTULO E DO JOGO DOS SIGNIFICANTES**

É o título que, ao nomear, designa e produz, instiga e desperta, cria o livro ou, melhor dizendo, o efeito tela-livro; é a cor vermelha que, ao instigar, funda o desejo; é o resumo na contracapa que legitima o enredo; o texto-fronteira, mais precisamente, o peritexto segundo Gerard Genette (1982) - todos instituem como discursos fundadores do livro, um verdadeiro ato de linguagem literária.

O título põe a prova, para além de uma semântica do título, uma recepção - como aliás todo paratexto -, ganhando em ser lido nesta dimensão. Ele é um índice, um resumo e uma fórmula para uma rede de relações na obra. O significante “caminho” condensa, desde de já, o investimento de descoberta, procura, angustia de vencer obstáculos, semântica que marca um considerável número de fragmentos e personagens. Este título anuncia e transporta uma escritura metalingüística de caminhos que se encontram, bifurcam-se, multiplicam-se, numa permanente metamorfose senão dissolução do caminho em outros, sem começo nem fim. Ora, esse “caminho” que surge aí como condição de sua própria existência está muito próximo de uma “estranha inquietação” em ler, aprender, descobrir. Pode, de alguma forma ou de outra, ser sintetizado numa frase da escritora: “Não penso em linha reta, mas em meandros zigzagues” (MACHADO, 2001, p.7).

## **A PLASTICIDADE DAS DESCOBERTAS**

A descoberta, o deslocamento, a busca eterna são metáforas significativas que articulam-se com as imagens e com a própria malha textual/visual do livro. Pode-se dizer que, segundo Iuri Lotman, em *A Estrutura do Texto Artístico*, “num caso limite, na linguagem poética, qualquer palavra pode tornar-se sinônima de qualquer outra palavra” (1978, p.68).

As representações da descoberta traçadas por Ana Maria Machado e enfatizadas pela ilustradora Elizabeth Teixeira reforçam, no livro, o discurso plástico, imbricando e instigando o leitor a compartilhar do processo de curiosidade, sempre lúdico e intertextual. Em outros termos, o trabalho intertextual é retomado, tanto na palavra como na imagem, para subvertê-lo em um novo contexto. Para que se realize essa relação intertextual entre os signos verbais e a expressão plástica

(signos icônicos), é necessário que haja um grau de iconicidade nos signos verbais que promova também uma “homologia de conteúdos”. Além disso, o discurso poético efetuará uma transposição dos signos icônicos para signos literários. Essa transformação pode ser considerada como uma absorção do texto pictórico pelo texto poético, uma vez que o espaço intertextual “é um ponto de cruzamento de vários códigos” (KRISTEVA, 1974, p.174).

Com ilustrações em página dupla, - em toda a narrativa -, o livro assume a dimensão de telas que se desdobram permitindo ao leitor fazer as relações e, “fazendo delirar os códigos, atribuir sentidos. É nessa perspectiva que a página de abertura onde se lê: “No meio do caminho de Dante tinha uma selva escura”, ainda que o leitor não identifique a paráfrase do Canto I, do Capítulo Inferno, da *Divina Comédia* (2003), é possível reconhecer, através de caracterizações figurativas, reunidas ao discurso verbal, algumas pistas intertextuais.

Logo de início fica claro que *Abrindo Caminho* (2004), de Ana Maria Machado assume tendências da narrativa pós-moderna misturando elementos da poesia e da prosa, da música e da literatura clássica, do visual que se impõe sem configurar em sua escritura romanesca, a estrutura clássica do conto. O livro em questão, é exemplo dessas discussões intrincadas na própria leitura que constrói metáforas da interseção de numerosos códigos e ideologias, é signo plural. A história apóia-se num processo principal que oculta um argumento secreto que deve ser descoberto progressivamente, seja olhando-o, procurando marcas, estabelecendo relações. E por isso mesmo, trata-se de um texto lacunar, com espaços vazios onde se lê a significação ausente. Neles se potenciam os signos fundamentais da semiose da descoberta.

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) ressoa na segunda página entre uma pedra e cenários mineiros com a frase: “No meio do caminho de Carlos tinha uma pedra”. Estilisticamente esta citação é a força retórica da repetição que constrói a narrativa a partir da relação entre os demais como réplica a outros textos. A partir desse verso, do famoso poema de Carlos Drummond de Andrade, a obra realiza um discurso que significa referencialmente, mostrando os diversos “caminhos” da descoberta, e, conseqüentemente, várias contradições de quem está disposto a descobrir.

Esse discurso, centro espacial e temporal, remete-se, em labirintos constantes, a outros referentes que também são textos ou texto-memória (outros

livros, outras descobertas, outros autores, outros descobridores) imaginários ou não - outras formas de saber, outras concepções filosóficas para produzir uma sobreesaturação textual, originando o discurso paródico que recai sobre a leitura.

Olhando para uma certa iconografia mineira, em vários tom de verde, no livro “o personagem-poeta-gauche”, em terno preto e mala, sugere a idéia de vida como viagem e desgaste, como viagem mortal, onde o ser encontra seu fim na dissipação completa e por isso diz: “Nunca me esquecerei desse acontecimento/ na vida de minhas retinas tão fatigadas”. Segundo Afonso Romano de Sant’Ana, a vida, o tempo, a viagem são vocábulos sinônimos ao se tentar a explicação da poética drummondiana. “A vida é uma viagem através do tempo. O tempo é uma viagem em vida. A viagem é a vida no tempo” (1972, p.182).

Das citações do verso de Drummond à *Águas de Março*, de Antonio Carlos Jobim (1927-1994) a diferença reside no significante “rio” que perturba o caminho. Por isso, a narrativa, ao apresentar Tom diz: “No meio do caminho de Tom tinha um rio”. Tão desafiador quanto a “pedra”, de Drummond, o rio surge no caminho e carrega, além da ambigüidade semântica, uma variedade de substantivos que se repetem, reforçando estilisticamente o ritual diferente da vida mineira: “ [...] É um estepe é um prego, é uma ponta, é um ponto, é um pingo pingando/ É uma conta, é um conto/ É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando/ [...] É o carro enguiçado, é a lama, é a lama”.

A leitura da música indica o trabalho semiológico do jogo binário que se resume nos significantes vida e morte. Pontos extremos da existência cujo poeta preenche com a repetição, o ritual de instantes e afazeres diários, atitudes triviais imperceptíveis no dia a dia. Novamente, a estilística da repetição do poema drummondiano ecoa na música de Tom Jobim e na narrativa de Maria Clara Machado enquanto construção -: “Era pau/ Era pedra/ Era o fim do caminho?” - questionando o leitor e sugerindo a retomada de citações, de discursos e memória dos viajantes.

As imagens também reforçam os clichês dos cartões-postais que representam a cidade do Rio de Janeiro, tais como o calçadão de Copacabana em preto e branco, o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor ao fundo. Elementos semióticos de um livro que, misturados em diversas linguagens, fazem homenagem ao músico Antonio Carlos Jobim - a quem o livro é dedicado na epígrafe.

Paralelamente, a narrativa pós-moderna e labiríntica, reforça a solidão dos personagens viajantes e a leitura retratada na cena de uma menina lendo o próprio livro *Abrindo Caminho*. Paradoxalmente, a leitura representada como objeto estético afasta o leitor para um canto: “Cada um no seu canto/com seu canto/ nos chamou”. E aproxima todos os discursos ao mesmo tempo: “E nenhum de nós/nunca mais ficou sozinho”. A plasticização do livro (ou do ato de ler), nesta página, transforma-o em algo particular, o livro-jóia, o livro que aproxima descobertas, o livro como objeto precioso. Isso também pode ser lido como uma metalinguagem visual na repetição dos livros na biblioteca, os mesmos livros citados no corpo da narrativa (que se lê e se mostra) as mesmas cenas no livro da menina. Ou seja, uma verdadeira biblioteca borgeana.

A biblioteca, nesse contexto, funciona como espelho de representação do objeto livro e a vertigem do reflexo, a *mise-em-abime* do significante livro na ilustração ou imagem. Esse jogo de duplos, de repetições, de encontros e citações também se repetem no texto quando diz: “No meio do caminho de Dante teve uma estrada/ No meio do caminho de Carlos teve um túnel/ No meio do caminho de Tom teve uma ponte”. A intertextualidade é vista, nesse caso, como “máquina perturbadora. Trata-se de não deixar o sentido em sossego - de evitar o triunfo do “cliché” por um trabalho de transformação”. (LAURENT, 1979, p. 45).

Cristóvão Colombo aparece como quarto personagem para efabular o mito do descobridor que conseguiu transpor os limites de um mapa antigo a fim de encontrar a continuidade de um mundo esférico cujos extremos estariam ligados no grande oceano. Nessa prática- expedição solitária-, bem como na maneira como ela literariamente se exprime (narrativa ou diário de viagem), a viagem corresponde a uma adequação do homem ao mundo exterior, um poder incessantemente manifestado do homem sobre o mundo, por vezes mesmo uma vontade de poder, quer dizer, “uma capacidade infinita de, ao descrever e ao compreender o mundo, se conceber como dono desse mundo” (MACHADO, 1982, p.30).

Diferentemente de Cristóvão Colombo, Marco Pólo surge como quinto personagem e reforça a narrativa de viagem como gênero literário. A metáfora sugere a criação do romance de aventura, a elaboração do romanesco em si mesmo. O cenário ilustra o deserto árido e os camelos compõem a viagem do andarilho-protagonista. Neste horizonte e espaço estrangeiro, o viajante-narrador,

como quis Ítalo Calvino, em *As Cidades Invisíveis* (1990), vai descobrir (ou esquecer) o Outro.

A metáfora da viagem, quer se trate de Cristóvão Colombo, Marco Pólo ou Alberto Santos Dumont, quer se trate de viagem “real” ou viagem imaginária, o discurso romanesco de Ana Maria Machado registra alegoricamente, em *Abrindo Caminho*, uma viagem nos livros e nas bibliotecas. Feito Jorge Luis Borges, ela é uma travessia labiríntica, é descrições de locais visitados, de impressões e experiências, é uma peregrinação através de livros e de tradições culturais. De qualquer forma, o significante “viagem”, semelhante ao significante “caminho”, soa como discurso polifônico para uma tentativa metalingüística de apropriação de idéias, de discursos e palavras, de uma reconstrução (ou desconstrução?) verbal e visual de um espaço mítico: aquele que é comum aos personagens, ao leitor e a escritora.

## **O FIM QUE NÃO TEM FIM**

Nessas encruzilhadas de “caminhos” que nos oferece Ana Maria Machado apresenta outra natureza: não é preciso sair do lugar para conhecer o que havia no “meio do caminho” de Dante Alighieri, Carlos Drummond de Andrade, Tom Jobim: “uma floresta”, “uma pedra”, um “R(rio)”... ou no caminho de Cristóvão Colombo, Marco Pólo e Alberto Santos Dumond: “oceano”, “deserto”, “muita lonjura”. Ou o que há nos possíveis caminhos do leitor, como anuncia o livro: “No meio do meu caminho tem coisa de que não gosto. Cerca, muro, grade tem. No meio do seu aposto tem muita pedra também”.

E, assim, imbricados,- leitor, escritora, imagens, música, memória, viagens, caminhos - a narrativa pós-moderna de Ana Maria Machado vai permitindo começo de novas leituras, infinitas, sejam dos clássicos da literatura universal e brasileira, seja de canção popular brasileira ou referências históricas de todos os povos. Afinal, todo o livro - “é uma promessa de vida” - e a escritora, afinada com o diálogo entre gerações (de pessoas e textos) vai colando, feito recorte-colagem, para compor um mosaico, seu traçado textual.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.
- ROLAND, Barthes. *Para/ou onde vai a literatura*. In: Vários. *Escrever... para quê? para quem?* Lisboa, Edições 70, 1975.
- \_\_\_\_\_. *L'empire des signes*. Paris. Seuil, 2005.
- BORGES, Jorge Luiz. *A Biblioteca de Babel*. In: *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. São Paulo, Globo, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. *O Livro por Vir*. 13 ed. Lisboa: Relógio D'água, 1984
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COMPAGNON, Antoine. *O Trabalho da citação*. Trad. Cleonice P.B.Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil.1982.
- \_\_\_\_\_. *Umbrals*. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2001.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JENNY, L. *Poétique. Intertextualidades. Revista de Teoria e Análise Literárias*. Trad. Clara C. Rocha, Coimbra. 1979.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974,
- LOTMAN, Yuri. *A Estrutura do Texto Artístico*. Estampa: Lisboa. 1978.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *Literatura de viagens e viagens literárias*. In: *Literatura Portuguesa. Literatura Comparada e Teoria da Literatura*. Lisboa. Edições 70, 1982.
- MACHADO, Ana Maria. *Abrindo Caminho*. São Paulo, Ática, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Texturas. Sobre ensaios e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Contracorrente. Conversas sobre leitura e política*. São Paulo. Ática, 1999.
- MUCCI, Latuf Isaias. "Simulacro"; "Intersemioticidade", *E-Dicionário de Termos Literários*, Coord. de Carlos Ceia, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/>>, consultado em 04/02/2007.
- OLINTO, Krieger Heidrun e SCHOLHAMMER, Karl Erik (org). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e imagem*. Rio de Janeiro. Edições Galo branco, 2005.

- PERRONE-MOISÉS, L. *Barthes: o saber com sabor. Brasiliense*. São Paulo, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Texto, Crítica, Escritura*. Ática. São Paulo, 1983.
- PRAZ, Mário. *Literatura e artes visuais*. São Paulo: Cultrix. Ed. USP, 1982.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Introdução à Semiótica*. Lisboa: Cosmos, 2000.
- SANT'ANNA, Affonso Romano. *Drummond, o "gauche" no tempo*. Rio de Janeiro, Lia, INL, 1972.
- SOURIAU, Étienne. *A Correspondência das Artes. Elementos de Estética Comparada*. São Paulo: Cultrix, 1983.

---

<sup>1</sup> Rodrigo da Costa Araújo é professor de Literatura Infantil e Teoria da Literatura na FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, Mestre em Ciência da Arte [UFF] e Doutorando em Literatura Comparada [UFF]. Ex Coordenador Pedagógico do Curso de Letras da FAFIMA, pesquisador do Grupo Estéticas de Fim de Século, da Linha de Pesquisa em Estudos Semiológicos: Leitura, Texto e Transdisciplinaridade da UFRJ/ Cnpq. / e-mail: [rodricoara@uol.com.br](mailto:rodricoara@uol.com.br)